REVISTA
APLAUSO
Guia de teatro

Em Cartaz
Jornal do Teatro
Aderbal Freire-Filho
Aloísio de Abreu
Carmen Verônica
Íris Bruzzi
Laura Cardoso
Marcos Barreto
Nicette Bruno
Sérgio Britto

O último bolero

Francisco Cuoco em uma história de amizade e companheirismo

ANO VII Nº 75
EXEMPLAR GRATUITO

Completíssima.

A Sol Gráfica apresenta ao mercado seu mais recente investimento: pré-impressão digital e CtP.

Eliminamos filmes para oferecer melhor desempenho na produção dos trabalhos, otimizamos tempo e aprimoramos a qualidade dos impressos.

Sem mencionar a diminuição no custo do trabalho, uma vez que os fotolitos não são mais necessários.

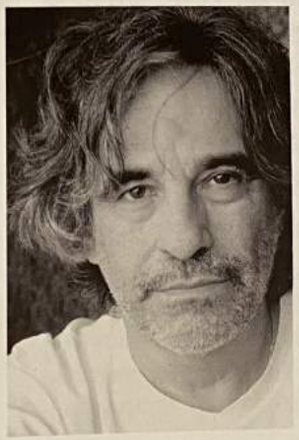
E estamos mais perto ainda do nosso cliente: transmissão de dados em banda-larga pela Internet proporciona mais agilidade.

Por isso a Sol Gráfica tem orgulho de ser completíssima.

SOL GRÁFICA

Rua João Torquato, 289 - Bonsucesso • RJ
Tel: (21) 2560-4082 Fax: (21) 2290-8599
www.solgrafica.com.br • solgrafica@solgrafica.com.br

Que falta faz um "lá"...



"Eu aqui de novo. Não, não virei cronista, o Rubem Braga (quem me dera!) da revista. Estes *Bastidores* vão continuar democráticos: todo mês atrizes, atores, autores vão dizer o que querem, finalmente uns *Bastidores* para falar alto.

Vim só botar um *lá* aqui. Explico. Mês passado, falando dos meus romances, fiz daqui uma declaração de amor à SBAT (digo 'meus' como leitor e usurpador, botando romances dos outros no palco).

No fim da frase final da minha declaração, um *lá* escorregou pelo lado da página, o papel é bom, desliza, acontece. Mas sem o *lá* a frase mudou de sentido. Eu escrevi que desde 1917, quando a SBAT foi fundada, inventaram o cinema falado, o rádio, a tv, o mundo mudou, muita coisa acabou e a SBAT lá, viva. Pois foi esse lá que escorregou, deixando a frase assim: "acabaram o teatro tal, o teatro de revista e a SBAT".

Não, a SBAT não acabou, está viva, e aproveito que estou trazendo o *lá* de volta para convocar, daqui, o povo do teatro a refletir sobre a importância da sociedade brasileira de autores.

É a entidade mais antiga de artistas de teatro do Brasil. Passaram por ela autores, poetas como Chiquinha Gonzaga, Bandeira, Oduvaldo Vianna (pai e filho), Raquel de Queiroz, Nelson Rodrigues, Drummond, tantos. Nós, os poetas vivos (autores, atrizes, atores, cenógrafos...) precisamos da nossa Sociedade viva.

A sociedade dos autores brasileiros é muito mais do que uma arrecadadora de direitos – é parte da nossa história, é uma academia e um símbolo, é insubstituível.

Esta revista tão necessária, por exemplo. Respirando aqui dentro os seus bons ares, sei que ela existe porque antes existiu a Revista da SBAT, fundada em 1924, e que foi também a maior editora de peças teatrais no Brasil. Se é ótimo existir a *Aplauso*, melhor ainda se a Revista da SBAT voltar pra roda. Quer fazer isso? Liga pra mim, passa na SBAT.

Trouxe o meu *lá* pra cá e espero lá por você."

Aderbal Freire-Filho, junho de 2006

Diálogo com Deus

Após o término da Segunda Guerra Mundial, cartas escritas por testemunhas foram encontradas dentro de garrafas, nos destroços de cidades e guetos. Durante muito tempo, o texto *Yossel Rakover dirige-se a Deus* foi creditado a um desses autores anônimos, tornando-se objeto de culto em todo o mundo. A história, na verdade escrita por Zvi Kolitz, agora chega ao palco do Teatro SESI com direção de Juan David Posada e interpretação de Léo Wainer.

Diálogo literário

Criada para incentivar, amparar e difundir atividades artísticas e culturais em todo o Brasil, a Fundação Nacional de Artes (Funarte) está completando três décadas e abre as comemorações com a doação de 50 mil livros de arte, de sua editoria, para mil bibliotecas municipais, de Norte a Sul do país. Os títulos – que contemplam diferentes áreas, como teatro, cinema, artes visuais e música, estarão à disposição para consulta gratuita.

Diálogo com a comédia

Batizado de *Nova Comédia Carioca*, o Centro Cultural Suassuna dá o pontapé inicial a um movimento teatral para incentivar novos autores, diretores e atores que trabalham com o humor. A proposta é que o espaço se torne uma referência de comédia nos palcos do Rio, estimulando, de quebra, a cultura na Zona Oeste da cidade. Este mês, dois espetáculos prometem muitos risos: *Atormenttados*, de Alessandro do Valle, e *É tudo Gozação*, de Xandy Britto.

Diálogo popular

Inaugurado há um ano, na Fundição Progresso, o Teatro Livre – sede da companhia teatral criada por Luisa Thiré e Cadu Fávero – continua a todo vapor. A peça *O Mágico de OZ – the dark side* segue em cartaz numa versão para adultos, com fadas travestidas de *drag queens* e *performances* aéreas. Após o espetáculo, o ator Jaime Berenguer promove uma gincana com o público, numa prévia para a próxima montagem: *O Senhor dos Jogos*.

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte); Simone Melamed (textos). Coordenadora de produção: Dani Albuquerque. Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Impressão: Sol Gráfica. Capa: Antonio Caetano /divulgação

Nicette Bruno

Aprendizado permanente

Nasci no meio da arte: minha avó era médica e cantava. Os irmãos dela eram engenheiros e arquitetos que tocavam violino e piano. Minha mãe estudava medicina e cantava. Não eram artistas profissionais, mas eram artistas na sua essência.

Meu primeiro trabalho foi com quatro anos, num programa infantil da Rádio Guanabara. Depois fiz teatro estudantil e, com 14 anos, me preparei para fazer a Julieta, de Shakespeare, para substituir uma jovem atriz que tinha adoecido. Foi ali que comecei na vida artística e nunca, depois, quis ser outra coisa. Se pudesse voltar no tempo, faria tudo de novo.

Eu tinha a vontade e o apoio da família, e as minhas batalhas foram em função da própria profissão. Nos anos 50, com a companhia *Teatro Íntimo Nicette Bruno*, conheci o Paulo (Goulart) e começamos a namorar e batalhar juntos. Fomos construindo tudo passo a passo, numa parceria muito feliz. Descobrir a profissão e ser descoberto depende de oportunidades, mas para administrar tem que ter equilíbrio, saber o que se quer e ter humildade para aprender sempre.

DIVULGAÇÃO

"Se pudesse voltar no tempo, faria tudo de novo", diz Nicette

Nossa profissão é uma descoberta permanente, em que cada espetáculo é um momento diferente. É uma carreira que o faz crescer como pessoa, inclusive. Você conhece melhor o ser humano, a partir dos personagens. Passa a olhar as pessoas de outra maneira, analisá-las de outra forma.

Ainda tenho muito a realizar. E desejo ter força e saúde para continuar experimentando profissionalmente. Atualmente, minha menina dos olhos é o projeto *Teatro nas Universidades*, que, com o apoio da Associação Comercial de São Paulo, contribui com a formação do público e amplia a condição de visão crítica do teatro e da vida. Já estamos no segundo ano e a dinâmica não pára. A educação e a cultura não são encaradas como primeira necessidade neste País, e isto é lastimável. Mas ainda vamos chegar lá!"

Colecione os últimos 7 anos de teatro

Assine Aplauso!

Assinatura semestral R$ 30

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações

Tel.: (21) 2239-1163

ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

Coleção completa de Aplauso por R$ 78! Edições de 1 a 74

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica

FOTOS: TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

Desesperados

"O texto é ótimo e os atores são brilhantes, dão um show. Uma comédia com um humor diferenciado, um espetáculo que se comunica com a platéia, além de ser bem atual!"

Marcelo Médici, ator

O beijo no asfalto

"Uma peça primorosa. Respeitando o texto de Nelson Rodrigues, o diretor Michel Bercovitch faz um espetáculo denso, criativo e de bastante impacto. O elenco acompanha brilhantemente a direção."

Ada Chaseliov, atriz

Ai, que saudades do Lago!

"Sou fã do Mário Lago e apreciadora constante de sua obra literária, musical e de sua arte de representar. Quando assisti à peça estava tudo lá: o Lago artista, político, familiar... histórico! Os atores estão maravilhosos, nos conduzindo pela vida deste homem genial"

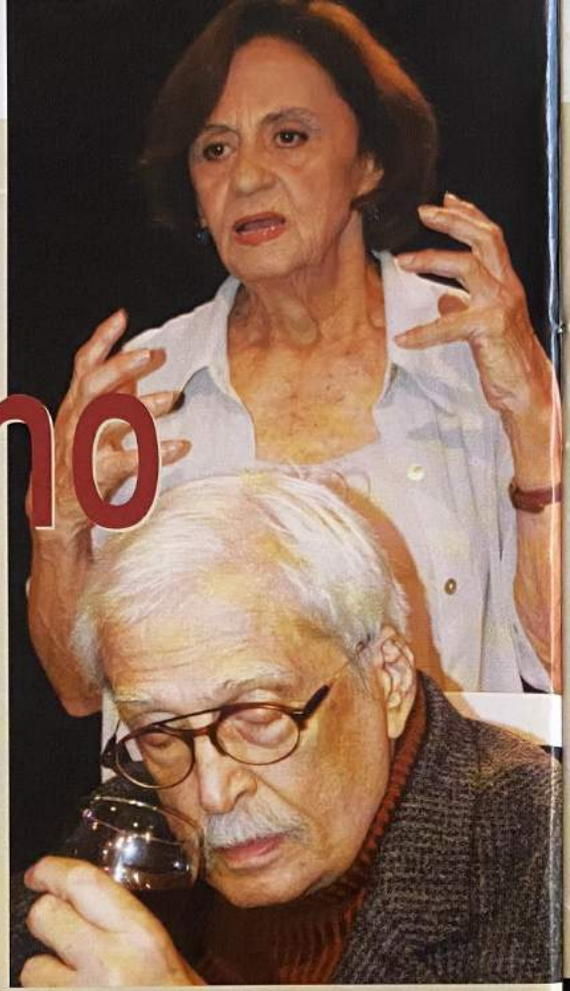
Carol Machado, atriz

Quem é que manda

"Uma comédia romântica divertidíssima e sem compromisso, que fala sobre relações de uma forma diferente, solta e superengraçada. Você a assisti e sai de ótimo astral!"

Marcelo Novaes, ator

Outono e inverno



Sérgio Britto e Laura Cardoso se encontram no palco do CCBB para mergulhar no explosivo universo das relações familiares.

Por Simone Melamed

Quando se pensa no legado sueco deixado para a cultura mundial, dois nomes vêm à mente: o dramaturgo August Strindberg, um dos criadores do teatro expressionista, e o cineasta Ingmar Bergman. Herdeiro direto desta linhagem nórdica, Lars Norén vem sendo reconhecido, desde a década de oitenta, como um dos maiores representantes do teatro europeu contemporâneo. Agora, o autor está sendo montado pela primeira vez no Brasil, com a encenação da peça *Outono e Inverno*, no Teatro I do CCBB, sob o comando de Eduardo Tolentino de Araújo, diretor do *Grupo Tapa*.

"Ele é um autor extraordinário e a peça é muito forte, sofrida e bonita. No meio disto tudo, ainda tem um humor terrível. É um espetáculo altamente provocante. Quando se faz dramas familiares, a gente acha que sempre vai haver exagero, mas não há. Todas as famílias têm problemas. O que os personagens dizem uns aos outros é assustador!", conta Sérgio Britto, que depois de produzir seus últimos espetáculos, aceitou de bom grado o convite para embarcar nesta montagem.

Acerto de contas

O diálogo doméstico acontece durante uma refeição dominical, quando duas filhas quarentonas resolvem acertar contas afetivas com os pais. *Outono e Inverno* representa a faixa etária dos personagens: filhas no outono e pais no inverno. Neste texto, Lars Norén toca profundamente no núcleo familiar. A peça é a condensação de vários jantares em que pais e filhos explicitam suas alegrias e magias. "Muitos sentimentos que estavam escondidos embaixo do tapete vêm à tona. O autor foi muito feliz ao conferir fluidez e musicalidade aos diálogos", explica o diretor.

Depois de duas décadas sem dirigir no Rio, Tolentino escalou um time de primeira, que acompanha Sérgio Britto em cena. O papel da mãe opressora coube a ninguém menos do que Laura Cardoso, uma das atrizes brasileiras mais prestigiadas. As filhas são vividas por duas crias do *Grupo Tapa*: Emilia Rey e Denise Weinberg. Denise recentemente ganhou dois prêmios de teatro, em São Paulo, por sua atuação na peça *Oração Para um Pé de Chinelo*.

"É a primeira vez que estou sendo dirigido pelo Tolentino, que sempre me convidava, mas como ele trabalha em São Paulo e eu não sei mais sair do Rio... Só que tenho uma proposta permanente na minha cabeça, que é estar sempre a postos para fazer mais uma experiência. Já trabalhei com muitos diretores, como Gianni Ratto, Victor Garcia e Gerald Thomas, que me fizeram uma contribuição muito forte. Hoje, quando trabalho, tenho em mim a lembrança da passagem desses diretores, que deixaram marcas. Cada vez que interpreto me dou a chance de fazer um trabalho novo, esta é a graça da coisa", declara Britto, cheio de disposição, do alto de seus 82 anos.

FOTOS: CADU MADER / DIVULGAÇÃO

CASSINO CORAÇÃO

Peça de Frank Gilroy faz um delicado desnudamento da alma, tendo como tema central um caso amoroso.

Até então desconhecidos da platéia teatral carioca, o ator Werner Schünemann e o dramaturgo norte-americano Frank Gilroy chegam aos palcos da cidade. Vencedor dos prêmios Tony e Pulitzer, Gilroy tem sido exaltado, desde a primeira montagem, na década de 60, pelo texto de *Cassino Coração*, que aporta a partir do dia 15 de junho no Teatro III do Centro Cultural Banco do Brasil.

"Tanto nós quanto o público somos virgens de Frank Gilroy. Ele já dirigiu vários filmes, tem uma carreira no teatro, ganhou prêmios... Elizabeth Taylor e Warren Beatty já trabalharam com ele na montagem desta mesma peça", conta Schünemann, que está desde 86 sem encenar. "Faz um tempo que não faço teatro, mas tinha vontade e queria um texto que fosse um desafio para mim. Eu me afastei – e não foi só dos palcos cariocas – por timidez, mas ela já está vencida. É um retorno para mim".

Desencontros afetivos

Em *Cassino Coração*, um jogador compulsivo, que trabalha como pianista e cantor na noite (Werner Schünemann), conhece uma dançarina de shows (Graciela Pozzobon), com quem inicia uma conturbada relação, construída em cima de frustrações e descontentamentos afetivos. E para esquentar ainda mais a trama, ambientada em Las Vegas, um terceiro personagem (Camilo Bevilacqua) aparece, trazendo elementos imprevisíveis que darão novos e definitivos rumos para a história do casal.

"A peça tem diálogos inteligentes e, embora os personagens sejam trágicos, eles vão até o fim. Parece dramático, mas eles apostam tudo, não poupam forças, estão sempre se desafiando. É uma peça sobre amor e relação. Não sobre discutir a relação, mas sobre se entregar", diz o diretor gaúcho Marcos Barreto. "Fiquei à vontade na peça e tive uma identificação com o autor, como se usássemos os mesmos motores. É como se fosse um amigo de infância que acabei de conhecer. Ele é muito intenso, vibrante e cheio de vida. Eu também sou muito pilhado e ativo, talvez a gente tenha a mesma capacidade de força. Representá-lo é como dirigir um Fórmula 1", comenta Schünemann, que se dedicou às aulas de piano para tocar e cantar em cena.

República do chimarrão

Apesar de ter morado um tempo no Rio – onde se graduou e atuou, por cinco anos, na "Cia de Opera Seca", de Gerald Thomas – foi no retorno à Porto Alegre, no início da década de 90, que Marcos Barreto iniciou a carreira de diretor com o espetáculo "Lovemember", de sua autoria. De lá para cá, comandou diversas montagens, como "Quero Sim", escrita especialmente por João Gilberto Noll, "Zoo History", de Edward Albee, e "Causos e Milongas – Um Musical", com a Cia Gaúcha de Cantadores. Recentemente, atuou na minissérie da Globo "A Casa das Sete Mulheres". Mesmo morando, novamente, no Rio, quando se juntou aos conterrâneos – Schünemann, Graciela e o músico Totonho Villeroy, responsável pela trilha sonora da peça – não deu outra: os ensaios acabaram sendo embalados à base de muita erva-mate e chimarrão.

FOTO: ROBERTO VAMOS / DIVULGAÇÃO

Vida e obra do escritor Franz Kafka sobe ao palco do Teatro Maria Clara Machado.

Uma fábula kafkiana. É assim, transformando o nome do famoso escritor tcheco em adjetivo, que a Cia. de Teatro Tempestade e Ímpeto define seu mais novo trabalho, em cartaz no Teatro Maria Clara Machado. A partir de uma atmosfera onírica, o grupo costura diferentes textos de Franz Kafka – como *A Metamorfose, O Processo* e *Carta ao pai* – com trechos da vida do autor, para trazer à baila questões pertinentes ao homem contemporâneo, um ser fragmentado e cheio de dúvidas, com suas fragilidades frente às mazelas do cotidiano.

"O trabalho da companhia começou para levantar questões, pensar o mundo de hoje e os segredos do processo criativo. A partir disto, criamos um pensamento de grupo e a nossa filosofia de trabalho, buscando autores cúmplices nesta jornada. O Kafka sempre foi um desejo meu de montar e foi quem primeiro viu o homem contemporâneo. Mas a gente não achava legal montar uma das obras dele, porque nunca fica tão bom quanto ler o livro. Resolvemos fazer uma criação nossa. Estudamos durante quatro meses. E começamos a trabalhar com Walter Daguerre, que escreveu o texto", conta Marco André Nunes, diretor do espetáculo.

E o resultado é como se fosse um jogo com o próprio Kafka, cuja vida e a obra sempre estiveram intimamente ligadas, como atestam todas as biografias escritas sobre ele. Assim, uma fase da vida do artista – época crucial, quando, entre tantas outras descobertas, ele começou os primeiros passos na escrita – serve como um esqueleto da peça, no qual um personagem vive a história que o próprio Kafka viveu. Tudo começa num certo dia, em que um rapaz acorda com alguém em seu quarto dizendo que ele está detido, sem explicar os motivos, transformando a vida do jovem num pesadelo sem fim.

"Ele é e não é o Kafka. E, como quem faz o personagem é uma mulher, a Paula Sandroni, isso já tira a possibilidade de ser verdadeiramente o Kafka. A peça inteira tem uma atmosfera de sonho, porque a realidade dele vai além do real. Tem uma análise muito interessante – que nem é minha, mas que eu compro – que diz que a realidade de Kafka chega a ponto de se transmutar numa fantasia, é a realidade do sonho desperto. Uma sensação de sonhar acordado. É o artista criando uma outra ilusão - mas uma ilusão que cria outra ilusão se torna mais real para você. O conceito do espetáculo é este", conclui o diretor.

Próximo passo: Goethe

Criado em 2002 por artistas do Tablado, da UniRio (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e da Escola Nacional de Circo, a Cia. de Teatro Tempestade e Ímpeto se propõe a pesquisar, refletir e analisar a contemporaneidade por meio das artes cênicas. Valorizando o processo criativo coletivo, o grupo desenvolveu uma linguagem própria para mergulhar na alma humana e se posicionar diante dos acontecimentos. O primeiro texto encenado foi "O despertar da primavera", de Frank Wedekind. Depois de "Projeto K", o ponto de partida para o próximo trabalho será Goethe.

Pequena biblioteca

- "Franz Kafka. Uma biografia". Max Brod.
- "O pesadelo da razão". Ernst Pawel
- "Kafka, por uma literatura menor". Gilles Deneuze e F. Guattari
- "Kafka Vida e Obra". Leandro Konder
- "Conversações de Gustav Janouch com Kafka"
- "Franz Kafka". Flávio Moreira da Costa

FOTO: JOTA JOTA / DIVULGAÇÃO

O último bolero

Com 73 anos e muita disposição, Francisco Cuoco marca presença em comédia no Sesc Ginástico.

Por Simone Melamed

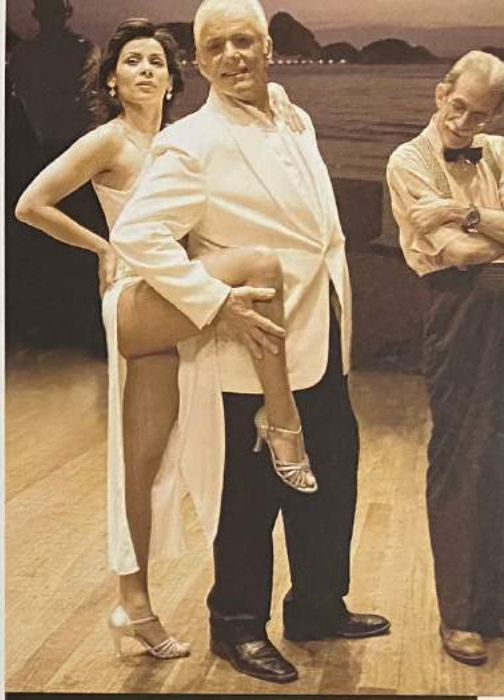
Se o autor foi fiel à sinopse original, tudo indica que, neste momento, Francisco Cuoco já não esteja mais no ar, no folhetim das sete da Rede Globo, interpretando um personagem com dupla face, que – verdade seja dita! – caiu, em cheio, no gosto popular. Mas, por que começar uma matéria de teatro falando de televisão? É que, mesmo trabalhando dobrado na telinha, o ator não quis abrir mão de estrear nos palcos.

"Teatro é fundamental. Tento conciliar, pois com o teatro você melhora na televisão e na vida. E, principalmente, no caso desta peça, porque trabalho, mais uma vez, com o diretor Gracindo Jr e o Chico Tenreiro, que estiveram comigo na montagem de *Três homens baixos*. É um encontro de harmonia , companheirismo e respeito. Em resumo, são parceiros de verdade", diz o eterno galã, em cartaz no Teatro Sesc Ginástico, com a peça *O último bolero*.

E a história de companheirismo da vida real também acontece em cena, com uma amizade que supera o tempo, as diferenças pessoais e as crises afetivas. A trama começa no dia do aniversário de Orlando, personagem vivido por Cuoco, que convida o amigo para participar de uma comemoração bem atípica, coroada com a visita de uma garota de programa. Enquanto a convidada não chega, a dupla se distrai entre discussões e resmungos, que se transformarão em galanteios e elogios assim que ela aparecer, resultando numa noite inesquecível para os três.

"O Orlando é um antigo e saudável boêmio. É um otimista, com alma de garoto e vontade de viver. É um personagem que exige entrega e dá prazer", comenta o ator. "Além do texto do João Machado, a direção do Gracindo, o Chico e a Kátia Barros, me encanta o universo das várias idades se encontrando, a solidão sendo mostrada com humor e a história desses três excluídos."

Apesar da reedição de velhas parcerias, o projeto também conta com novos aliados, como o jovem autor João Machado, que viveu a maior parte do tempo fora do Brasil e teve o texto apresentado para Gracindo Jr – pelas mãos de seu pai, o artista plástico Juarez Machado – num encontro casual entre amigos. "O jovem é importante em qualquer manifestação de vida, seja qual for a sua vocação. É a renovação, a nova busca, a visão não deformada pela sociedade. No contexto teatral, e sendo brasileiro, torna-se mais importante ainda, para trazer este olhar não viciado, rompendo estruturas e otimizando as diversas manifestações artísticas e de vida".



FOTOS: ANTONIO CAETANO / DIVULGAÇÃO

Quem é João Machado

Com apenas vinte e sete anos de idade, João Machado já escreveu mais de setenta textos para cinema e teatro, como a peça "Viagara Falls", atualmente em temporada em Los Angeles, com a companhia Playhouse West. Ele responde, também, pelo roteiro e direção de premiados curtas e, recentemente, ganhou o prêmio de Melhor Filme no "Seattle Underground Film Festival" e Melhor Fotografia no "Tribeca Film Festival", promovido pelo ator Robert DeNiro, com o longa-metragem "The Champagne Club". Em televisão, trabalhou na equipe de roteiristas do programa "Os Normais", da Rede Globo. O texto de "O último bolero" foi escrito em inglês, durante o tempo em que viveu nos Estados Unidos, e foi traduzido para o português com a colaboração de Gracindo Jr.

Amigas para sempre

Estrelas do teatro de revista, Íris Brüzi e Carmen Verônica fazem rir no Teatro Leblon

Elas costumam brincar que se conhecem desde sempre – e se autoproclamam como a mais perfeita personificação do karma uma da outra. Depois de fazer o público se deliciar com a hilária dupla de ex-vedetes na novela *Belíssima*, Carmen Verônica e Íris Brüzzi repetem a tabelinha, a partir de 15 de junho, no Teatro Leblon, com a peça *Amigas para sempre*, de Maria Adelaide Amaral.

"A peça teve como base as personagens de outro texto meu, *Inseparáveis*, com as amigas Regina e Ana 15 anos depois. Originalmente, *Inseparáveis* não era exatamente uma comédia. Mas, no palco, a Irene Ravache e a Jussara Freire faziam a platéia rir o tempo todo. Segui essa vertente e desenvolvi num ritmo francamente cômico", explica a autora.

Muitos anos depois...

Em *Inseparáveis*, duas amigas retomavam a relação em momentos decisivos de suas vidas, trocando confidências cheias de ironia, arrependimento, mágoa e humor. Agora, essas mesmas mulheres se reencontram, mais uma vez, quando Regina (Carmen) resolve se hospedar na pousada de Ana (Íris), depois que seu ex-marido acena com um desejo de reconciliação ao descobrir que tem um grave problema de saúde.

"Quando nós pensamos na Maria Adelaide, ficamos preocupadas se ela aceitaria e se haveria algo para nós. Ela foi um amor e ficou felicíssima em adaptar o texto para "as meninas", como ela diz. Ficou, praticamente, outra peça, muito engraçada mesmo.Nós estamos curtindo muito e, quando o ator se diverte, passa isto para o público. É sopa no mel!", declara a eterna Miss Campeonato, Carmen Verônica.

A cartomante

"A peça é inteligente, como tudo que a Maria Adelaide escreve, e é alegre, mas não é para cair da cadeira. Ela sabe do sentimento feminino e a peça é feita para as mulheres, que são o público que vai ao teatro, porque o homem só vai se a mulher levar. Já estou até vendo as senhoras se cutucando na platéia, lembrando e identificando alguma coisa que aconteceu com alguém", comenta a ex-bonitinha do Lalau Íris Brüzzi, animada com a procura do público que, mesmo antes de a peça estrear, já tinha reservado mais de mil ingressos.

Com direção de Rogério Fabiano, a peça conta, ainda, com a presença do ator Roberto Lopes no papel do misterioso Olavo, um hóspede da pousada, que acaba virando objeto de desejo – e de disputa – entre as amigas. Fernanda Montenegro também faz uma participação, para lá de especial, em vídeo, como uma cartomante que prevê a aparição de um grande amor na vida de uma das amigas, atiçando ainda mais a conturbada e divertida relação entre os três personagens.

FOTO: CLAUDIA DANTAS / DIVULGAÇÃO

Ópera do malandro em concerto

Depois de conquistar o público e a crítica especializada em Portugal, musical estréia no Teatro do Leblon.

Por Simone Melamed

Amar pode ser, de fato, um sacerdócio, como sugere uma das canções da peça *Ópera do Malandro*, de Chico Buarque. E a prova disto está na dupla Cláudio Botelho e Charles Möeller, que tem se dedicado à obra do compositor com um fervor quase religioso. Depois da montagem do musical em 2003 - assistida por um público de mais de 130 mil espectadores no Rio e em São Paulo - eles levam ao Teatro do Leblon uma versão *in concert* do espetáculo, com arranjos, roteiro, cenários, figurinos e iluminação diferentes da montagem de três anos atrás.

"Somos *buarquemaníacos*. O que o público vê no palco é a nossa paixão pela obra deste compositor. São 25 músicas em um espetáculo totalmente novo", declaram os dois, em uníssono. "A idéia surgiu no primeiro ensaio para a temporada de Portugal, no início do ano. Era um elenco novo e todos cantaram as músicas em volta do piano, sem preocupação com marcas ou mesmo personagens. E a força do material do Chico Buarque surgiu tão impressionantemente naquele momento que nós pensamos: isso funciona mesmo sem a peça. Vamos fazer uma versão em que as músicas sejam o foco", lembra Botelho.

Com cara nova

A estréia do novo formato, batizado de *Ópera do Malandro em Concerto*, acabou acontecendo além-mar, com todas as sessões lotadas. "Nós havíamos sido convidados a levar a peça, em sua versão completa, para diversas cidades de Portugal e Espanha, mas eram cidades onde os teatros não comportavam o tamanho da produção. Os convites continuavam e, como já vínhamos pensando nesta versão *in concert*, aproveitamos e lançamos o espetáculo por lá", diz Möeller, responsável pela direção e pelos figurinos.

Quatro músicos, ao vivo, acompanham o elenco de oito atores/cantores, que interpretam músicas que já se tornaram clássicos do cancioneiro nacional, como *O meu amor* e *Pedaço de mim*. Além das canções escritas, originalmente, para a peça, foram agregadas mais cinco músicas compostas para o filme homônimo, dirigido por Ruy Guerra, em 1986. Enfim, eis o malandro na praça outra vez!

"Fico cada vez mais feliz em perceber quanto avançamos dentro do teatro musical no Brasil, nos últimos tempos. Quem imaginaria há mais de 10 anos que seria possível uma produção como a *Ópera do Malandro* - com 22 atores, 12 músicos, maestro, cenários de toneladas - ficar em cartaz por mais de três anos, e ainda viajar duas vezes para Portugal e São Paulo? E mais ainda: que este espetáculo iria se tornar um CD campeão de vendas no gênero? E agora, finalmente, surge o novo espetáculo, já fruto do primeiro, como é tão comum em países onde o musical é quase um gênero de primeira necessidade. Acho que nem eu imaginava que chegaríamos aqui... Mas chegamos, e vamos em frente, pois o musical brasileiro tem muito mais para dar", afirma Botelho, que assina o roteiro e a direção musical.

Bastidores

Inspirado na "Ópera dos Três Vinténs", de Bertold Brecht e Kurt Weill – uma paródia à "Ópera do Mendigo", de John Gay – o musical escrito por Chico Buarque tem como pano de fundo a Lapa de carnavais, malandros e heróis, da década de 40. A trama se desenrola a partir da rivalidade do contrabandista Max Overseas e Fernandes de Duran, dono de prostíbulos da área. Em comum aos dois está Teresinha, a filha do empresário, que se casa com o barão da ralé trazendo conseqüências para os negócios escusos tanto do pai quanto do marido. A primeira montagem da peça, em 1978, conquistou o Prêmio Molière e transformou o espetáculo num marco do Teatro Musical brasileiro.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

A ÉTICA É UMA COMÉDIA

Adaptação das peças *As nuvens* e *Um Deus chamado dinheiro*, de Aristófanes. Direção e adaptação: Jitman Vibranovski. Com Paulo Antunes, Hamilton Motamendes e Nicolai Nunes. **Teatro do Jockey** (Rua Mário Riberio, 410, Gávea). Fone: 2540-9853. Quintas, 21h. R$ 15. A partir de 8 de junho.

A HORA DA ESTRELA

História da nordestina Macabéa, que migra para a cidade maravilhosa. Texto: Clarice Lispector. Direção: Marcus Vinicius Faustini. Com Alexadre Menenzes e Gabriela Saboya. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Terça e quarta, 21h. R$ 10,00.

AI, QUE SAUDADES DO LAGO!

O musical revive a época, o modo de vida e as inúmeras faces do artista Mario Lago. De Marcos França. Direção: Joana Lebreiro. Com Claudia Ventura, Marcos França e Alexandre Dantas. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555- 7262. Quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. R$ 25.

AMIGAS PARA SEMPRE

Cinismo e confidências são ingredientes desta comédia sobre o relacionamento entre duas amigas de infância. De Maria Adelaide Amaral. Direção: Rogério Fabiano. Com Íris Bruzzi, Carmen Verônica e Roberto Lopes. **Teatro Leblon** (Rua Conde Bernadotte 26 – Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta a sábado, 19h. Domingo, 18h. Quinta e sexta, R$ 40. Sábado e domingo, R$ 50. A partir de 15 de junho.

ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARE

Um homem e uma mulher, prestes a cometer suicídio, se conhecem no heliponto de um prédio. Texto: Andréia Burle. Direção: Elio Penteado. Com Thelmo Fernandes e Andréia Burle. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Terça e quarta, 21h. R$ 25. A partir de 20 de junho.

CAMILA BAKER – A SAGA CONTINUA

A vida da fictícia Camila Baker. Depois do sucesso, ela chega ao fundo do poço, acusada de assassinar o marido. De Emílio Boechat. Direção: Fernando Guerreiro. Com Daniel Boaventura, Zeu Britto, Leonardo Brício, Marcos Mion e Otávio Muller. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 2º. Andar, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. Quinta, R$ 40. Sexta e domingo, R$ 45. Sábado, R$ 50.

CASSINO CORAÇÃO

Um cantor da noite e uma dançarina, frustrados com a vida amorosa, passam a viver uma conflitante relação. De Frank Gilroy. Direção: Marcos Barreto. Com Werner Schünemann, Graciela Pozzobon e Camilo Bevilaqua. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro III** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R$ 10. A partir de 15 de junho.

CHE GUEVARA

A peça reconstitui as últimas 18 horas de vida do revolucionário, e é baseada em interrogatório liberado 30 anos após a sua morte. De John Vaz e Luiz Lula Dias. Direção: John Vaz. Com John Vaz e Fernando Bicudo. **Fundição Progresso – Barraco das Artes** (Rua dos Arcos s/no., Lapa). Fone: 2220-7074. Sexta a domingo, 19h30. R$ 20.

COMO O DIABO GOSTA

Atingido por uma bala perdida, homem entre a vida e a morte tem de lidar com as inúmeras burocracias do plano espiritual. De Rogério Blat. Direção: Cláudio Handrey. Com Thiago Fragoso e Rafael Paiva. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha 1, Centro). Fone: 2563 4163. Quinta a domingo, 19h. Quinta e sexta, R$ 20. Sábado e domingo, R$ 30. Estudantes e idosos pagam meia.

DESESPERADOS

Três atores se desdobram em 40 personagens, nesta comédia em que o fio condutor é a solidão. Texto e direção: Fernando Ceylão. Com Álamo Facó, Cláudio Gabriel e Igor Paiva. **Teatro Leblon – sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde Bernadotte 26 – Leblon). Fone: 2294-0347. Sexta e sábado, 23h. Domingo, 22h. Sexta, R$ 35. Sábado, R$ 40. Domingo, R$ 30.

ESCRAVAS DO AMOR

Adaptação inédita de folhetim assinado por Suzana Flag, pseudônimo de Nelson Rodrigues. Adaptação e direção: João Fonseca. Com a companhia *Os F... Privilegiados* e Juliana Barone, Sergio Marone e Jackie Sperandio. Centro Cultural Telemar (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo). Fone: 3131-1227. Sexta a domingo, 19h30. R$ 10.

HOMEM BOMBA

Processo de trabalho solo do ator-palhaço, em comemoração aos 20 anos do Teatro de Anônimo. Texto: João Carlos Artigos e Shirley Britto. Direção: Leo Basso. Com João Carlos Artigos. **Espaço Cultural Sérgio Porto** (Rua Humaitá, 163, Humaitá). Fone: 2266-0896. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$16,00. A partir de 16 de junho.

OS HOMENS SÃO DE MARTE ... E É PRA LÁ QUE EU VOU

Jornalista solteira relata seus conflitos e dilemas na busca de um grande amor. Texto e atuação: Mônica Martelli. Direção: Victor Garcia Peralta. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 3º piso, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. Quinta, R$ 35. Sexta e domingo, R$ 40. Sábado, R$ 45.

MINHA MÃE É UMA PEÇA

Sozinha em cena, Dona Hermínia sintetiza, com humor, a alma das mulheres de meia idade, aposentadas e sozinhas,

cuja maior preocupação é procurar o que fazer. Texto e interpretação: Paulo Gustavo. Direção: João Fonseca. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20.

NADA QUE EU DISSER SERÁ SUFICIENTE ATÉ QUE O SOL SE PONHA

Um jogo de humor e poesia, o espetáculo explora o tempo e o ritmo de várias maneiras, mostrando a mente de uma pessoa. De Renata Mizrahi. Colaboração: Elisa Pinheiro. Direção: Diego Molina e Letícia Medella. Com Elisa Pinheiro e Renata Mizrahi. **Espaço SESC/Sala Multiuso** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2548-1022. Sexta e sábado, 20h. Domingo, 19h. R$ 6. Estudantes e idosos têm 50% de desconto. 23, 24 e 25 de junho.

NÓS NA FITA

Esquetes humorados de situações cotidianas. De Marcius Melhem. Direção: Alexandre Régis. Com Marcius Melhem e Leandro Hassum. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274 9895. Quinta a domingo, 21h30. Quinta e sexta, R$ 35. Sábado, R$ 50. Domingo, R$ 40.

O BEIJO NO ASFALTO

Homem tem a vida virada ao avesso ao atender o pedido de um moribundo. De Nelson Rodrigues. Direção: Michel Bercovicth. Com Emílio Orciollo Netto, Leopoldo Pacheco, Fernanda Machado, Carlos Gregório e a *Companhia Prática de Teatro*. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2247-6946. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 30.

O MÁGICO DE OZ – THE DARK SIDE

Releitura da clássica história das aventuras da menina Dorothy, traçando um paralelo com vidas de jovens brasileiros marginalizados. De L. Frank Baum. Adaptação e direção: Cadu Fávero. Com Ricardo Petráglia e Luisa Thiré. **Teatro Livre – Fundição Progresso** (Rua dos Arcos, 24 – Lapa). Fone: 2533-0224. **Quinta a sábado**, 20h. R$ 10.

O PÚCARO BÚLGARO

O texto de Campos de Carvalho é levado aos palcos por inteiro, no gênero chamado de romance-em-cena. Texto: Campos de Carvalho. Direção: Aderbal Freire-Filho. Com Augusto Madeira, Cabdido Damm, Gil Coutinho, Isio Ghelman e Raquel Iantas. **Teatro Poeira** (Rua São João Batista, 104, Botafogo). Fone: 2537-8053. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h.

O ÚLTIMO BOLERO

A comédia acompanha uma forte amizade, que supera a barreira do tempo, das diferenças e até das crises afetivas. Texto: João Machado. Direção: Gracindo Jr. Com Francisco Cuoco, Adriana Lessa e Chico Tenreiro. **Teatro SESC Ginástico** (Rua Graça Aranha 187, Centro). Fone: 2279-4025. Quinta a domingo, 19h. R$25

OS MONÓLOGOS DA VAGINA

A peça volta aos palcos cariocas com um divertido mosaico sobre a sexualidade feminina. Texto: Eve Ensler. Adaptação e direção: Miguel Falabella. Com Tânia Alves, Fafy Siqueira e Vera Setta. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. Quinta, R$ 30. Sexta e domingo, R$ 40. Sábado, R$ 45.

OS SEGREDOS QUE SÓ OS HOMENS TÊM

A peça desvenda o universo masculino, com seus prós e contras. Texto: Alan Paul e Paul Stewart. Adaptação: Bruno Mazzeo. Direção: Evandro Mesquita. Com Carlos Bonow, Marcelo Laham e Sergio Abreu. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Morais, 824, Ipanema). Fone: 2523-9794. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h. Sexta e domingo, R$ 30. Sábado, R$ 40.

ÓPERA DO MALANDRO EM CONCERTO

Produção musical com novo formato e músicas inéditas, mantendo o elenco da peça que foi sucesso em 2003. Direção e figurinos: Charles Möeller. Roteiro e direção musical: Claudio Botelho. Com Soraya Ravenle, Alessandra Maestrini e Claudio Lins. **Teatro Leblon – sala Marília Pêra** (Rua Conde Bernadotte 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta e sexta, 21h. Sábado, 18h30. Domingo, 20h. Quinta, sexta e domingo, R$40. Sábado R$50.

OUTONO E INVERNO

Durante um almoço de domingo, a roupa suja familiar é lavada entre duas filhas quarentonas e seus pais. Texto: Lars Norén. Direção: Eduardo Tolentino. Com Laura Cardoso, Sérgio Britto, Denise Weinberg e Emilia Rey. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro I** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R$ 10. A partir de 8 de junho.

PRIMEIRO DE ABREU

Musical-solo que faz um apanhado de vários ritmos brasileiros. Texto, direção e interpretação: Aloísio de Abreu. **Teatro Café Pequeno** (Avenida Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294-4480. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta a domingo, R$ 20. Sexta e sábado, R$ 25.

PROJETO K

Inspirada no universo de Franz Kafka, a peça acompanha a vida de um jovem que encontra na escrita uma saída possível para sua atormentada existência De Walter Daguerre. Direção: Marco André Nunes. Com Paula Sandroni, Maria Esmeralda Forte e Pedro Kosovski. **Teatro Maria Clara Machado** (Rua Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 10.

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

QUEM É QUE MANDA

Machista resolve fazer terapia para melhorar sua relação com as mulheres e se apaixona pela própria analista. Texto e direção: Duda Ribeiro. Com Kiko Mascarenhas, Lúcia de Sá. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274 9895. Terça e quarta, 21h. R$ 30.

QUERIDA HELENA

Censurada na antiga União Soviética, a peça aborda o comportamento ético. De Ludmilla Razoumovskaya. Direção: Iacov Hillel. Com Eliana Guttman, Theodoro Cochrane, Alan Medina. **Espaço SESC** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2548-1022. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h30. R$ 12. Estudantes e idosos têm 50% de desconto. A partir de 22 de junho.

RÁDIO NACIONAL – AS ONDAS QUE CONQUISTARAM O BRASIL

Com a supervisão de Bibi Ferreira, musical faz homenagem à época de ouro da Rádio Nacional. Texto: Fátima Valença. Direção: Fábio Pillar. Com Cláudia Vigonne, Fábio Pillar e Sylvia Bandeira. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antônio Carlos, 58, Centro). Fone: 2215-1708. Quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. Quinta e sexta, R$ 40. Sábado e domingo, R$ 50.

TUBO DE ENSAIO

Esquetes de humor que trazem tipos como o coelho que detesta distribuir ovos de Páscoa. Texto: Isadora Andrade e Paula Rocha. Direção: Tubo de Ensaio. Com Wendell Bendelack, Luís Águia e Juliana Guimarães. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 23h.

TUDO SOBRE MULHERES

Cinco histórias interligadas sobre a alma feminina. Texto: Miro Gavran. Direção: Ticiana Studart. Com Beth Goulart, Clarice Niskier e Mariana Lima. **Teatro Leblon – sala Marília Pêra** (Rua Conde Bernadotte 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta, R$35. Sexta e Domingo, R$40. Sábado R$50.

UM CAMINHO PARA DOIS

Os altos e baixos durante 25 anos de casamento. Texto e direção: Flavio Marinho. Com Luciana Braga e Osmar Prado. **Teatro dos Grandes Atores, Sala Azul** (Avenida das Américas, 3.555, Shopping Barra Square). Fone: 3325-1645. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. Quinta e sexta, R$ 35. Sábado e domingo, R$ 40.

YOSSEL, UMA TRAGÉDIA MODERNA

Diante da morte inevitável, um resistente na luta contra os nazistas trava um diálogo com Deus. Texto: Zvi Kolitz. Concepção e direção: Juan David Posada. Com Léo Wainer. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha 1, Centro). Fone: 2563 4163. Segunda, 19h30. R$ 20. A partir de 5 de junho.

depois do teatro

A peça termina, as cortinas se fecham, mas o programa continua

Lulas no Zuka

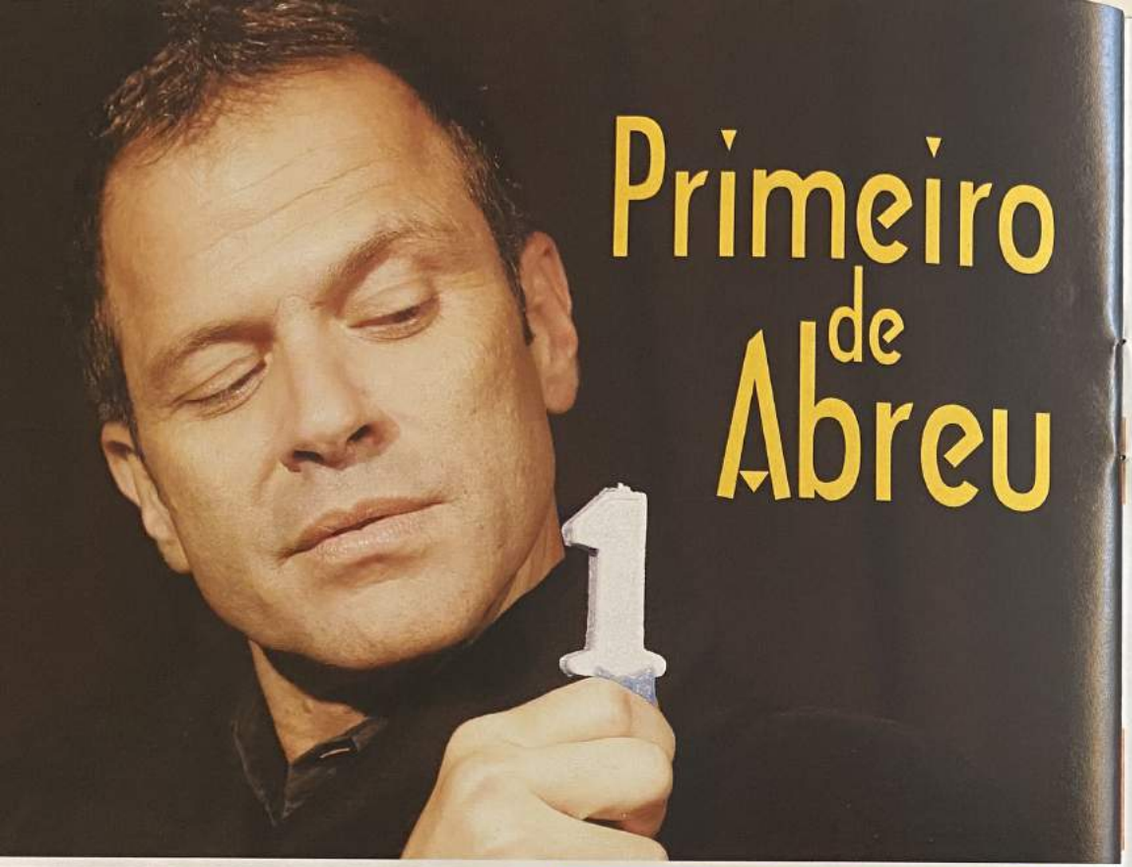
Depois de assistir *Os homens são de Marte ... e é pra lá que eu vou*, no Teatro Vannucci, vá ao Zuka e peça o carpaccio de palmito com anéis de lula. Além de delicioso, é bem light: com lâminas de palmito em molho de pimentas e fatias finíssimas de manga, os anéis de lulas são fritos sem gordura. Se estiver fazendo dieta, ótimo! Se não estiver, depois dessa entrada mergulhe em uma das inúmeras delícias do cardápio.
Endereço: Rua Dias Ferreira, 233, fone: 3205-7154, Leblon

Brusqueta no Lulu

Ao sair da peça *Camila Baker, a saga continua...*, no Teatro das Artes, vá ao Lulu e peça uma brusqueta, que você monta a seu gosto: o tomate lindamente picado com manjericão, o alho assado com alecrim e o azeite aromatizado vêm separados. Ao lado, as fatias de pão torrado. E aí é com você... tudo dependerá de seus dons de chef!
Os apaixonados por doces devem experimentar também a sobremesa Semi-freddo de Nutella... Inesquecível!
Endereço: Rua Visconde de Carandaí, 2
Fone: 2294-7830
Jardim Botânico

Pastéis de bacalhau no Antiquarius

Quando for ao Antiquarius, peça no couvert os pastéis de bacalhau. Conseguem ser ainda mais gostosos do que os bolinhos – que já são maravilhosos! – mas, como não constam no cardápio, só são servidos para os "íntimos". Ou para quem descobriu essa delícia e não hesita em pedir.
Endereço: Rua Aristides Spínola, 19
Fone: 2294-1049
Leblon



Primeiro de Abreu

Depois do sucesso de 15 anos com a série "Subversões", ao lado de Luiz Salém, Aloísio de Abreu volta à cena sozinho, apostando mais uma vez na dobradinha música e humor

Por Simone Melamed

Aloísio de Abreu é daquelas pessoas que nasceram predestinadas a fazer os outros rirem, não economizando nem na hora da entrevista. Entre uma risada e outra, vamos sabendo um pouco mais sobre a sua mais nova empreitada, que acaba de estrear no Teatro do Café Pequeno, onde ele se desdobra em três, respondendo pelo texto, direção e atuação do musical-solo *Primeiro de Abreu*.

Logo no início da conversa, ao citar uma das músicas do espetáculo, ele comenta sobre uma habilidade sua, bem particular, de falar ao contrário. E propõe que o papo siga assim. Depois de algumas gargalhadas, fica-se sabendo que o tal dom acabou gerando uma canção que fala sobre o Rio, em ritmo de bossa nova, e cuja sonoridade parece muito com o japonês. O nome da música é *Oiro Oroda* e é só inverter as letras para se chegar a uma declaração de amor à cidade.

Para cada personagem, um ritmo

"Na verdade, sempre gostei de música e humor. Venho fazendo isto há muito tempo. Desta vez, no lugar de paródias, como em *Subversões*, fiz letras inéditas, e ao invés de falar de coisas fatuais, dou a minha visão sobre diversos temas e assuntos", explica Aloísio, que compôs em parceria com Ricardo Leão – com exceção de *Mágoa*, cuja música foi feita por Roberto Frejat, do grupo Barão Vermelho. Passeando por diferentes ritmos, que vão do pagode ao rap, num total de treze números, o ator endereça a sua irreverência para personagens diversos da história, cinema, teatro, literatura e da própria música brasileira, sem esquecer dos anônimos do dia-a-dia, que também rendem sátiras impagáveis.

Sob a mira divertida e mordaz de Aloísio, desfilam homenageados como a escritora Clarice Lispector, que tem a história contada através do samba-enredo *Clarice Lispector – carnaval e angústia na Sapucaí*, e filósofos conceituados, como Kant e Foucault, que ganharam a axé-music *Essência e Circunstância*, devidamente acompanhada de uma coreografia bem própria deste estilo musical. O maestro Fernando Moura dá o tom.

Tera-Gode

Música que conjuga processo terapêutico com pagode.

..."Me passa a almofada que eu quero socar. Passa a almofada que eu quero socar. Quero socar. Passa a almofada que eu quero socar. Minha vida é uma merda. Sou insignificante. É vidinha mais ou menos. Deus comigo foi tratante. No trabalho me encarnam. Me chamam de mosca morta. Quando eu chego ninguém olha. Quando eu saio ninguém nota. Me passa a almofada que eu quero socar"...

FOTOS: GUGA MELGAR / DIVULGAÇÃO

Querida Helena

Uma professora recebe seus alunos em casa. E o que era para ser uma comemoração, transforma-se em tragédia

Depois da trilha aberta por autores considerados fundamentais para a dramaturgia internacional – Anton Tchekhov, Nicolai Gogol e Vladmir Maiakovski – o teatro russo continua gerando novas crias, como a contemporânea Liudmila Razumóvskaya. Até agora inédita entre nós, ela chega ao Sesc Copacabana com a peça *Querida Helena*, sob a direção de Iacov Hillel.

"Em 2004, fui à França fazer um estágio na *Ópera de Paris*. Antes de ir, a atriz Eliana Guttman, com quem eu tinha trabalhado no ano anterior, me disse para trazer um texto para montarmos aqui. Aquele pedido me pareceu uma ordem. Assim, durante aquela temporada, assisti a diversos espetáculos e óperas, sempre pensando em encontrar algo substancial. Fui assistir a uma semi-encenação de *Chére Elena Sergueievna*, no Theatre de la Commune, e percebi, naquele mesmo instante, a força da peça. É uma situação que pode acontecer em qualquer lugar do mundo, uma discussão tão necessária sobre ética e moral, o conflito de gerações e os rumos da educação e dos processos pedagógicos", relembra o diretor, que comprou os direitos autorais da peça e convidou Tatiana Belinky para traduzi-la para o português.

Chantagem e violência

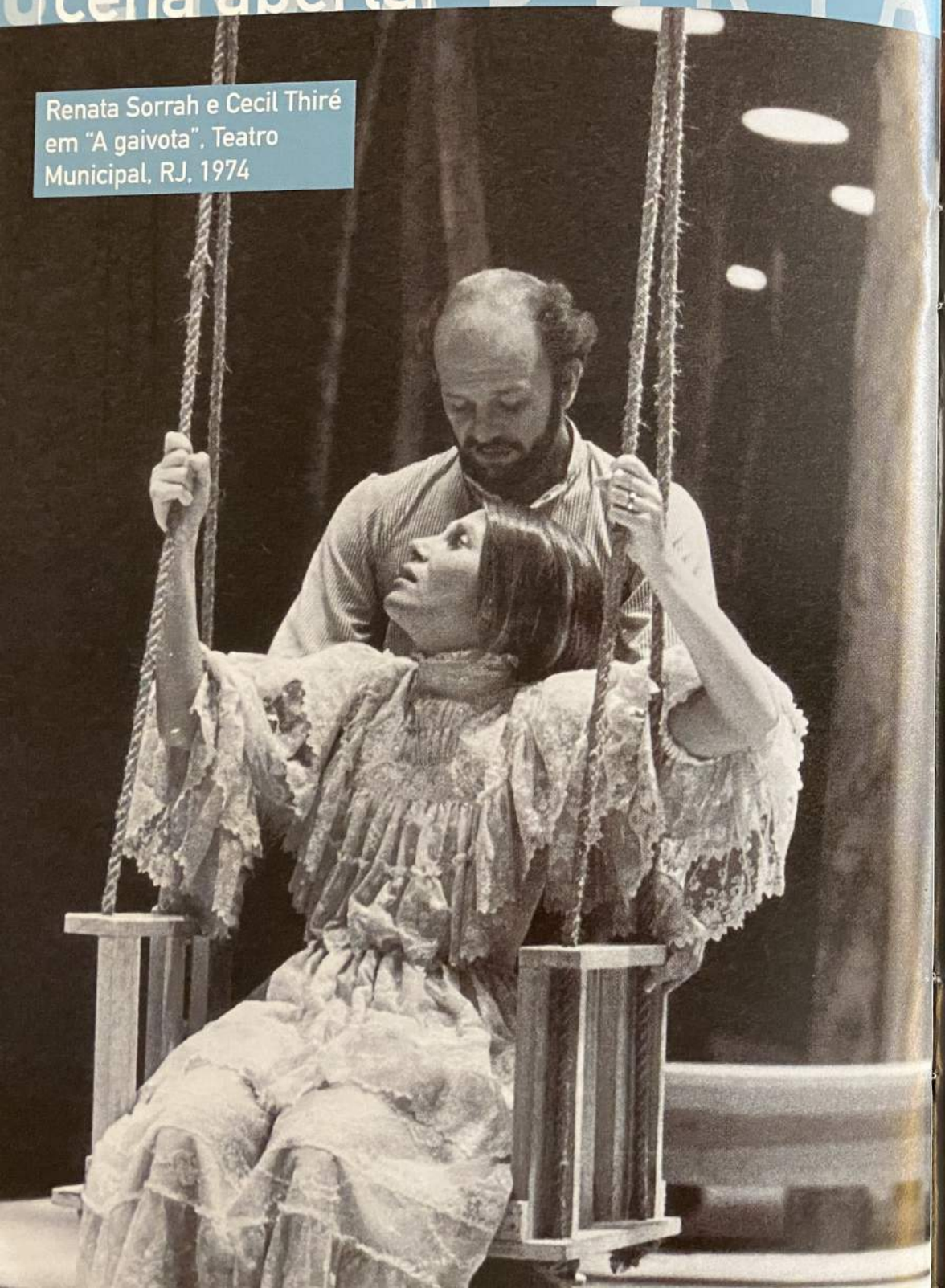
A ação começa quando um quarteto de alunos do último ano do colegial (Theodoro Cochrane, Alan Medina, Cássio Inácio e Clarissa Kiste) resolve fazer uma visita à sua professora de Matemática, usando, como pretexto, a comemoração de seu aniversário. Surpresa com a gentileza, Helena (Eliana Guttman) os convida para comer um pedaço de bolo, mas aos poucos o tom do encontro vai mudando e seu real propósito vem à tona: eles estão ali para conseguir a chave do cofre, onde estão guardadas as provas do exame final que fizeram. A partir daí, um clima de chantagem e violência se instala contra a professora, levando a um desfecho dramático.

"A peça se passa em São Petersburgo, em 1983, numa União Soviética em processo de esfacelamento. Mantive estes dados para melhor podermos acompanhar esta passagem e este confronto entre os velhos ideais marxistas, representados pela professora, e as novas idéias e necessidades, representadas pelos alunos. Mas é um espetáculo que cai como uma luva na nossa realidade, parece que foi escrita por um brasileiro para retratar os nossos problemas. Perante a exposição do tema, os argumentos podem ser defendidos, todos os lados têm um fundo de razão e de lógica. Isto torna a peça superinteressante e provoca revolta no espectador. O texto está enraizado na tradição tchekoviana, mostrando personagens presos em situações extremas onde, para eles, encontrar uma saída é urgente e vital. E mais que tudo, onde cada um é responsável pelos seus próprios atos. Nem a autora nem nós procuramos sugerir qualquer solução. O nosso papel é apresentar este drama como realidade a ser refletida e modificada", diz Hillel.

Quem é Liudmila

A primeira peça de Liudmila Razumóvskaya por pouco não virou a última. Na antiga União Soviética os textos teatrais eram submetidos a uma rigorosa censura, e o espetáculo – que foi retirado de cartaz logo após a estréia, em 1981 - permaneceu interditado até 1987, com o nome da autora constando em uma lista negra de dramaturgos. Encomendado pelo Ministério da Cultura, o texto foi proibido com dois argumentos. Primeiro, segundo eles, por apresentar estudantes imorais e manipuladores. A outra justificativa dizia que a peça era realista demais, diante da dramaturgia soviética obrigatoriamente educativa e com finais otimistas. Após a queda do regime soviético, o espetáculo voltou em cartaz em Moscou e já ganhou encenações na Alemanha, Itália, Espanha, França, Dinamarca, Estados Unidos, Chile e Argentina. Liudmila vive, atualmente, em São Petersburgo, na Rússia.

FOTO: JOÃO CALDAS / DIVULGAÇÃO



Renata Sorrah e Cecil Thiré em "A gaivota", Teatro Municipal, RJ, 1974

Sem o apoio de vocês, não voaríamos tão longe...

STAR LIGHTING DIVISION

Lavanderia Flor de Copacabana

GATO PRETO

jacqueline ferté

EDITORA Abril

achē www.ache.com.br

POLIRON

Jamef ENCOMENDAS URGENTES

Santa Edwiges

Areal Tossati

RAYONTEX FIOS E FIBRAS SINTÉTICAS

TRAMONTINA

Pedreira Carioca

O Galpão Aplauso agradece!

Unimed Rio
e
Eletrobrás
apresentam
OSMAR PRADO
E
LUCIANA BRAGA
UM CAMINHO PARA DOIS
DE FLÁVIO MARINHO
qui. a sáb.21:30 h e dom.20
5ª e 6ªf. R$ 35,00
sáb. e dom. R$ 40,00
Classificação etária 12 a
TEATRO DOS GRANDES ATORES – sala azul
Av. Da Américas, 3555 - loja 116/117 - Shopping Barra Square – Barra da Tijuca
Telefone para reservas: (0xx21) 3325-1645
co-patrocínio
VARIG
Jamef
Promoção:
apoio cultural
CASA
CEMUSA
BRASIL
LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA